

JUVENTUDE, CINEMA E EDUCAÇÃO: APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA

Suzana Feldens Schwertner*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma atividade de pesquisa sobre cinema e educação realizada com mais de cem jovens do Ensino Médio de duas cidades do interior do Rio Grande do Sul. Busco, com este projeto, selecionar, analisar e assistir – junto a jovens – a filmes que oferecem abertura a novas formas de pensar ética e esteticamente. A atividade de pesquisa envolveu metodologia quantitativa e qualitativa, por meio de um questionário elaborado e de grupos de recepção. Uma das importantes contribuições deste trabalho é a ampliação do repertório filmico de jovens em idade escolar, apresentando diferentes imagens do cinema para sua apreciação e debate. Os filmes selecionados e o trabalho com os grupos de recepção possibilitaram, então, um olhar para as nuances da alteridade, um olhar que possibilita enxergar o humano em seus meandros e complexidades.

Palavras-chave: Juventude. Cinema. Educação. Alteridade.

1 Introdução

O presente artigo detalha a atividade de pesquisa de Pós-Doutorado¹, realizado entre junho de 2010 e maio de 2011, sob a supervisão da professora doutora Rosa Maria Bueno Fischer. O período de estudos e pesquisa realizou-se junto à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) e articulado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade (PPGEDU/UFRGS). O projeto de pesquisa, intitulado “Por uma Pedagogia da Alteridade: juventude e imagens do cinema” (SCHWERTNER, 2010a), teve como atenção principal a formação ético-estética de jovens na contemporaneidade e tornou-se parte integrante do projeto maior da supervisora, *Educação do olhar e formação ético-estética: cinema e juventude*. Deste projeto, destaco importância em pesquisar “[...] a necessidade de uma nova ética e uma nova estética da imagem, para os jovens” (FISCHER, 2007). O presente estudo também estabelece continuidade com os trabalhos de pesquisa realizados pelo Núcleo de Estudos e sobre Mídia, Educação e Subjetividade (NEMES), grupo de pesquisa vinculado ao PPGEDU, do qual participo como integrante.

* Psicóloga, Doutora em Educação (UFRGS). Professora do Centro Universitário UNIVATES. Psicóloga da Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES/UNIVATES).

¹ Agradeço ao CNPq pela bolsa de Pós-Doutorado Júnior concedida, sem a qual este trabalho não seria possível.



Inicialmente, acredito que o trabalho de análise e recepção de filmes possibilita a ampliação das formas de ver e olhar imagens na contemporaneidade, além de contribuir para ampliar o *locus* de aprendizagem. Como há muito já se pontua (FISCHER, 1997, 2002, 2005) – mas nunca é demais retomar – as maneiras de aprender a se informar, formar, viver, sentir e pensar sobre si mesmo ultrapassam as barreiras das escolas, igrejas e outras instituições tradicionalmente entendidas como “educadoras”. Eis a importância de articular e aproximar as temáticas de educação e mídias, em suas mais variadas possibilidades (televisão, rádio, revistas, cinema, Internet etc.).

Paralelamente, penso que a formação ética e estética dos jovens precisa ser incentivada e que a escola pode se tornar um espaço de investimento nesta formação. Segundo resultados de estudos recentes (FISCHER, 2007), verificou-se uma relação entre a experiência estética de jovens brasileiro com a linguagem de produtos oferecidos pela TV e pelo cinema de padrão hollywoodiano:

O fato é que, mesmo com o acesso à Internet, a maioria deles tem acesso prioritariamente a canais abertos de TV, e têm como preferência de gênero as narrativas ficcionais da televisão e do cinema (séries, novelas e filmes) e os programas musicais de rádio. Para buscar a informação, TV, Internet e rádio são as fontes principais (FISCHER, 2007, p. 17).

Uma das importantes contribuições deste trabalho de pesquisa aponta para ampliação do repertório fílmico de jovens em idade escolar, apresentando diferentes imagens do cinema; imagens às quais, talvez, eles não tivessem acesso de outra maneira. Foco, então, nas relações entre cinema e educação.

Trato, neste trabalho de pesquisa, de convocar uma discussão sobre alteridade e ética, num período em que os jovens estão ampliando os laços sociais, para além da vida familiar; momento em que se deparam com novos relacionamentos de convivência. Achados resultantes de minha tese de doutorado (SCHWERTNER, 2010b), apontam para uma necessidade de semelhança e igualdade no relacionamento de amizade entre jovens, valorizando a metáfora familiar. Penso que seria importante discutir, também por meio de imagens do cinema, aspectos de identidade e alteridade nos relacionamentos humanos.

Os resultados do trabalho de pós-doutorado abrem caminho para diversos pontos de discussão no que se refere à relação juventude, cinema e educação. Contudo, o presente artigo, em virtude da limitação de espaço, busca apresentar alguns apontamentos acerca do

processo de pesquisa, bem como destacar os resultados principais do trabalho. Início, portanto, justificando a necessidade de ampliar os estudos sobre mídia e educação para, em seguida, discorrer sobre os dados e os achados desta investigação.

2 Mídias, imagens e educação

Partindo do pressuposto que experimentamos hoje uma imersão no mundo das imagens, através das fotografias nas revistas e nos jornais, das telas da TV, dos *outdoors* nas ruas, dos cartazes espalhados pelas cidades, das placas de trânsito que nos sinalizam caminhos ou advertências, das mensagens em *PowerPoint* dos nossos e-mails, de filmes a que assistimos nos cinemas ou na comodidade da nossa casa, dos vídeos acessados na *Internet*, não há como nos esquivarmos da noção de que tais imagens participam da nossa construção de entendimento do mundo em que vivemos.

Entendo, juntamente a Gustavo Fischman e Gabriela Cruder (2003), o quanto o regime visual é parte das “experiências centrais da urbanidade”. Acrescento ainda mais: o ato de fotografar com câmeras portáteis e digitais, além de fotografar com o aparelho de celular, ou com a *webcam*, além da prática de assistir a vídeos no *Youtube*, ou mesmo a atividade de produzir vídeos em programas como *Moviemaker*. Todas essas são atividades de consumo e produção de imagem características da nossa época, especialmente atividades muito difundidas entre os jovens.

No Brasil, especificamente a partir da década de 1990, o público jovem vem se tornando alvo da maioria das campanhas publicitárias e é caracterizado como um segmento consumidor importante do mercado: ele assiste, contempla e aprende imerso no mundo das imagens. Aprende como ser jovem, cuidar do corpo e de sua sexualidade (FISCHER, 1996)²; aprende a confessar publicamente suas mais íntimas dúvidas sobre sexo³; aprende a identificar aquilo que o caracteriza como jovem, independente do espaço territorial que ocupa e das posições políticas que assume (FEITOSA, 2007)⁴; a nomear o “outro”, estabelecendo neste marcas inadmissíveis a si mesmo (SLOMKA, 2006)⁵; aprende a definir e reassegurar sua

² Tese de doutorado da professora Rosa Maria Bueno Fischer, intitulada *Adolescência em Discurso: Mídia e Produção de Subjetividade* (1996).

³ *Sexo em Discurso: Modos de Publicizar a Vida Privada Jovem na TV*, trabalho apresentado por esta doutoranda na 53ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), em 2001. O trabalho é resultado do projeto de pesquisa *O Estatuto Pedagógico da Mídia*, coordenado pela professora Rosa Fischer e realizado com a participação de Fabiana de Amorim Marcello.

⁴ Dissertação de mestrado *Televisão e Juventude Sem Terra: Mediações e Modo de Subjetivação* (2007), de Sara Alves Feitosa.

⁵ Dissertação de mestrado *Corpo e Juventude: a Nomeação do Outro*, de Marcelo Slomka (2006).



masculinidade (VITELLI, 2008)⁶, assim como sua feminilidade, bem como entender um certo dispositivo de maternidade (MARCELLO, 2003)⁷; é ensinado a “ter atitude” em um meio ambivalente e competitivo (SCHMIDT, 2006)⁸.

Todas estas imagens criadas e produzidas pela mídia e distribuídas amplamente via televisão, *Internet*, jornais, revistas, não têm como propósito principal uma tarefa educativa, de ensinar modos de ser no mundo e formas de aprender sobre si mesmo. São imagens criadas exclusivamente com o objetivo de vender, em que o contexto principal de sua produção é o consumo. Porém, mesmo assim – e talvez exatamente por isto – desempenham um efetivo “estatuto pedagógico”. Contudo, ainda precisamos ampliar a discussão acerca da relação mídias e educação. O colombiano Néstor García Canclini ajuda a entender a resistência que percebemos em muitas escolas:

Os professores seguem falando de um divórcio ou um curto-circuito entre a escola e a leitura e, por outro lado, o mundo da televisão, do cinema e outros entretenimentos audiovisuais. [...] Os saberes e os imaginários contemporâneos não se organizam, desde ao menos 50 anos, em torno de um eixo letrado, nem o livro é o único foco ordenador do conhecimento. Mas muitos resistem a traduzir estas mudanças na concepção de escola admitindo a interação da leitura com a cultura oral ou com a audiovisual-eletrônica (GARCIA-CANCLINI, 2007, p. 49-50).

Os processos de investigação desta relação (mídias e educação) podem ser realizados de múltiplas formas, desde a análise dos produtos/programas/revistas/filmes consumidos pelos jovens até trabalhos de recepção ou mesmo de produção de imagens com crianças e jovens. Rosália Duarte (2009, p. 82) sugere, a partir das ideias do cineasta Alain Bergala, a proposta de favorecer nas escolas “[...] o encontro de jovens espectadores com bons filmes – aqueles de reconhecido valor artístico e cultural, fruto de roteiros bem-elaborados e bem filmados [...]”. Minha proposta de trabalho inclui um projeto propositivo de recepção com base nesta última sugestão, por meio de uma aproximação entre juventude, cinema e educação.

⁶ Tese de doutorado de Celso Vitelli, intitulada *Jovens Universitários e Discursos sobre Masculinidades Contemporâneas* (2008).

⁷ Dissertação de mestrado *Dispositivo da Maternidade: Mídia e Produção Agonística de Experiência* (2003), de autoria de Fabiana de Amorim Marcello.

⁸ *Ter Atitude: Escolha da Juventude Líquida* (2006), tese de doutorado de Saraí Schmidt. Todas as pesquisas referidas anteriormente são produções de componentes do Núcleo de Estudos sobre Mídia, Educação e Subjetividade (NEMES), grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. # Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.1, n.1, 2012.

3 Por uma pedagogia da alteridade através do cinema

A partir desta ideia de estatuto pedagógico da mídia, busco, com este projeto, selecionar, analisar e assistir junto com jovens a filmes que oferecem abertura a novas formas de pensar ética e esteticamente. Filmes que oferecem uma alternativa à perspectiva dicotômica de bem e mal, bonito e feio, normal e anormal; mais especificamente, que permitem pensar a complexidade das relações humanas nas singularidades que elas propõem, pois possibilitam múltiplas formas de olhar o ser humano. Tais questões remetem à principal ideia de Michel Foucault em *A Hermenêutica do Sujeito* (2004): a busca de uma arte de viver, busca que não se faz entre uma opção e outra, entre uma perspectiva ou outra – trata-se de um trabalho sobre si mesmo, de questionamento e ampliação do pensamento através de elementos que ofereçam múltiplas possibilidades de alternativas.

Uma das importantes contribuições deste trabalho de pós-doutorado, juntamente ao projeto de pesquisa da supervisora, é a ampliação do repertório filmico de jovens em idade escolar. De todos os alunos que participaram do grupo de recepção (em um total de 109 participantes), apenas três deles tiveram acesso às produções apresentadas anteriormente ao trabalho realizado. Apresentar filmes que expõem dissonâncias criativas como uma atividade de exercício de pensamento e de fruição nas escolas é, também, uma maneira de encorajar o desejo de conhecer histórias de diferentes pessoas e, quem sabe, de contar um pouco mais sobre nós mesmos.

Penso que é também por este caminho que a Educação (e a pesquisa em Educação) poderia se apropriar das imagens do cinema, convocando a um pensamento “mais além” em relação a questões éticas e de alteridade, especialmente de atenção aos outros nos espaços de convivência. Entendo alteridade aqui juntamente com Levinas (2005) para quem, muito além das propostas sobre ética como um conjunto de condutas a serem realizadas pelas pessoas ou uma justificativa moral e unificadora, existe uma anterioridade da ética sobre toda e qualquer forma de conhecimento ou apreensão do mundo. Para ele, a ética precede a lei, o conceito e a moral. Para Levinas, o eu se coloca em proximidade com o outro, e isso acontece anteriormente à palavra. A relação inter-humana aconteceria através do encontro e do inesperado (e, por que não dizer, do inesperado encontro) diante do outro.

O sujeito ético é aquele que se constitui no entre-nós, no espaço que é coletivo, na sociedade como uma relação de seres que se confrontam e se defrontam uns aos outros, um-a-um. Para Levinas, o pensamento só pode acontecer no espaço entre-nós: a partir do momento em que eu concebo uma liberdade exterior à minha (LEVINAS, 2005). Subjetividade então

como responsabilidade: “É em termos éticos que descrevo a subjectividade. A ética, aqui, não aparece como suplemento de uma base existencial prévia; é na ética entendida como responsabilidade que se dá o próprio nó do subjectivo” (LEVINAS, 1982, p. 87).

Com o intuito de pensar, juntamente aos jovens, acerca desta discussão, busquei, então, imagens do cinema. Para tanto, entendo que não são todas as produções do cinema que promoveriam aquilo que estamos chamando de “convite ao pensamento”: há que se investigar e selecionar filmes como aqueles descritos por Rosa Fischer (2010)⁹, filmes que

[...] rejeitam metáforas óbvias, o reconhecimento imediato de bem e mal, de virtude e pecado; filmes que lidam com questões vitais, como espinhos na nossa carne; filmes caracterizados por nos oferecer personagens-evento; filmes que rejeitam uma busca da harmonização de opostos, e expõem dissonâncias e fragmentações criativas; filmes enigmáticos e questionadores cuja compreensão não exige que procuremos as intenções “reais” do autor no momento de sua criação (FISCHER, 2010, p. 12).

Recentes dados de pesquisa (FISCHER, 2010) apontam para uma “busca da realidade” na escolha de filmes e programas televisivos, por parte de jovens. Mais de 90% dos jovens estudantes afirmaram que um filme é bom quando representa a realidade, quando “mostram a vida como ela é”.

Ao desafiar as imagens “prontas e herméticas” de alguns filmes, aquelas que apontam para uma “estrutura de consolação”, como não se lembrar daquele “cinema sensível” previsto por Aldous Huxley (2001), em seu *Admirável Mundo Novo?* Para o autor, já em 1936, era possível compreender que, se optarmos pela previsibilidade e pela certeza em nossas relações com o mundo e com os outros, pouco fruiremos de emoção e arte; o cinema que fazia sentir nos próprios lábios os beijos dos atores na tela, proporcionava pouco espaço à imaginação, à capacidade de se surpreender e de se emocionar, consigo e com os outros.

3.1 Dois momentos do trabalho metodológico

O projeto de pesquisa *Por uma Pedagogia da Alteridade: juventude e imagens do cinema* (SCHWERTNER, 2010a) objetivou trabalhar com análise de imagens fílmicas junto a um grupo de jovens (estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e do sistema privado de duas cidades do interior do Rio Grande do Sul), a fim de pensar sobre temas como ética, alteridade e convivência com as diferenças. Com este trabalho, que oportunizou análises fílmicas, estudos quantitativos (por meio de questionários) e qualitativos (através de grupos

⁹ Conforme trabalho apresentado na 54ª Reunião Anual da CIES (Comparative and International Education Society), em março 2010, intitulado *Young People and Film: questions about the ethical and esthetic education*. # Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.1, n.1, 2012.



de recepção), uma proposta educativa da potencialidade do cinema foi elaborada e investigada.

Com o objetivo de aprofundar tais investigações, realizei o trabalho em dois momentos distintos, porém complementares:

a) Aplicação de questionário sobre consumo cultural dos jovens participantes, buscando investigar, além de suas relações com diferentes meios de comunicação, suas preferências sobre filmes, a forma usual de assistir aos mesmos (TV aberta ou por assinatura, locação em videolocadoras, cinema), frequência, escolha dos filmes mais representativos.

b) Estudo de recepção: nesta fase da pesquisa, propus a criação de três grupos de discussão, compostos por alunos de escolas da rede pública e também da rede particular. Quinze voluntários participaram de cada grupo durante o período estipulado para a realização do trabalho de recepção.

Quatro escolas foram contatadas, três instituições de ensino privado e uma escola estadual. O número de participantes da primeira fase da pesquisa – a aplicação de questionários – foi de 109 alunos das turmas de 1º e 2º anos do Ensino Médio (51 meninos; 58 meninas), entre 14 e 18 anos.

Os filmes inicialmente propostos para o trabalho (um total de quinze) foram cuidadosamente avaliados e, após análise, cinco deles foram selecionados para trabalho no grupo de recepção. Os filmes listados¹⁰ para o trabalho de recepção realizado nesta pesquisa foram (em ordem de apresentação aos alunos): *A Banda* (França/Israel, 2007); *Bagdad Café* (Alemanha/USA, 1988); *Entre os Muros da Escola* (França, 2008); *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain* (Alemanha/França, 2011) e *O Visitante* (Estados Unidos, 2009).

Na segunda etapa do trabalho, 45 alunos (23 meninas e 22 meninos) envolveram-se no trabalho de recepção. Os alunos foram selecionados mediante convite da pesquisadora, com a condição de que todos tivessem participado da primeira etapa do trabalho. Alguns cartazes¹¹ foram confeccionados e espalhados pelos corredores das escolas, convocando os estudantes a participarem dos grupos (intitulados “Encontros com Cinema”) que aconteceram em horário oposto ao turno de aulas em duas escolas. Na terceira escola participante, o trabalho foi

¹⁰ Para lista completa dos dados técnicos e sinopses dos filmes, vide Anexo A. Vale destacar que, pelo espaço limitado deste artigo, apenas analisarei os dados referentes aos filmes *Bagdad Café* e *A Banda*.

¹¹ Para um exemplo de cartaz, vide Anexo B. Este se tornou uma ferramenta importante, tanto para incentivar a participação dos alunos, como para estimular curiosidade deles: a cada semana, mostravam-se interessados em saber qual imagem do cartaz se referia ao filme selecionado para o encontro.

realizado no turno de aula, contando com a concordância dos professores e da direção da escola.

O quadro abaixo resume as atividades realizadas:

	1ª FASE	2ª FASE
Objetivo	Inventário de atividades/ Consumo Cultural	Trabalho de recepção
Materiais	Questionário	Cinco filmes selecionados
Organização	Individual	Grupos
Sujeitos	Jovens de 15 a 18 anos (109 participantes)	Jovens de 15 a 18 anos (45 participantes)
Coleta de dados	Levantamento das respostas	Gravação em áudio
Tempo de duração	01 encontro (45 minutos)	5 encontros (3 horas cada)

4 Análise dos dados da pesquisa

A quantidade de alunos que costuma assistir a filmes é bastante alta: mais de 97% dos alunos afirmaram ter hábito de assistir a filmes, seja na televisão, no cinema ou mesmo pela locação de filmes. Quase 80% (77,98%) dos alunos assistem, no mínimo, a um filme por semana, sendo que 12% destes alunos assistem a filmes diariamente. E através de que meio eles assistem a todos esses filmes?

Os meios de acesso aos filmes são diversos: televisão, locadoras, cinema e internet; porém, os filmes veiculados pela televisão (contando tanto a televisão aberta quanto os canais a cabo) são os mais citados em primeiro lugar. Em seguida, a locação, como uma alternativa aos filmes exibidos em canais de televisão, e apenas em terceiro lugar o espaço do cinema – o que nos faz pensar sobre a precariedade desta forma de exibição (apenas um cinema com duas



salas no Vale do Taquari, região que engloba as duas cidades pesquisadas, além de outros 34 municípios). Drama, comédia, aventura, romance e ação são os gêneros mais selecionados.

Quando perguntados a concordar plenamente, em parte ou discordar plenamente e (discordar) em parte com a afirmação “Não tenho paciência para assistir a filmes lentos demais”, as respostas ficaram todas bastante equilibradas: 20, 29, 33 e 21 participantes, respectivamente, escolheram tais respostas. Apenas seis responderam “Não sei” a essa afirmação. Se pensarmos que mais que a metade dos estudantes afirmou, na parte quantitativa do trabalho, ter paciência para acompanhar filmes lentos, percebemos que quando passamos à segunda parte da pesquisa, aquela do trabalho de recepção e debate sobre os filmes, percebemos diferentes entendimentos.

4.1 O silêncio insuportável – ou “é tudo muito parado” e “sem ordem”

Em termos qualitativos, destacam-se os pensamentos acerca do encontro com o outro, encontro proposto pelos filmes selecionados e pelo próprio encontro dos estudantes com filmes diferentes daqueles aos quais eles estão acostumados a se deparar. Os alunos queixaram-se, em alguns momentos, da lentidão da narrativa e das ações “quase paradas” dos filmes – ainda que a maioria discordasse, no questionário, da afirmação de não ter paciência para assistir a filmes lentos; o “normal”, segundo eles, “é filme de ação”. Segundo uma menina, o filme *A Banda* foi difícil de assistir: “*Não tem nenhuma ação concreta, é muito parado, a imagem parada, várias imagens [...] e parecia que não ia sair dali!*” (informação verbal).¹²

Outro aspecto que se mostrou como um desafio aos jovens foi a não linearidade temporal dos filmes selecionados. Diferentemente de outros filmes hollywoodianos, em que uma linha de tempo é respeitada, ou, ao menos, melhor organizada, os cinco filmes escolhidos para esta pesquisa não obedecem a uma regra temporal de antes – agora – depois, ou ainda, início – meio – fim. Conforme outra jovem, a falta de apresentação da de uma ordem parece causar um certo desconforto: “*É que pra ser um filme, isso não é comum, a gente não ta*

¹² Conforme informações do grupo de recepção realizado com os alunos. A partir deste momento, a fim de evitar repetir esta configuração, adicionarei as informações verbais coletadas nos grupos de recepção neste formato: grifos em itálico, entre aspas. Quando as citações aparecerem em formato de diálogo, estarão deslocadas do restante do texto, em parágrafo especial, com indicação das falas dos participantes e da pesquisadora, sem aspas, em itálico.

acostumado [...] eu imaginava que eles iam chegar daí ia ter um cara que ia dizer que aconteceu isso e isso e aquilo [...]”

A maioria admitiu “não estar acostumada” a filmes que “bagunçam esta forma de pensar” (sic), revelando uma sensação de incômodo perante esta nova forma de apresentar as narrativas, conforme o aluno de uma escola pública resume em relação ao filme *Bagdad Café*: “*Eu tô digerindo ainda a história do filme [...] eu tô relacionando ainda [...] eu achei bem interessante porque ele começou bem do nada, se tu for reparar, e termina bem [...] do nada! Não tem um início e nem um fim, deixa assim que foi só uma parte de uma história. O início começou com um fim*”.

A recepção dos alunos aos filmes nos remete a algumas cenas dos próprios filmes selecionados – produções que também apresentam diversos momentos de estranhamento. Em uma cena do filme *A Banda*, Itzik (garçom de um bar israelense) observa o músico da orquestra egípcia tocando seu clarinete na parte de fora do bar. Inicialmente com estranhamento: um egípcio, judeu, no meio do deserto israelense, tocando um instrumento desconhecido, sozinho, em uniforme militar. Aos poucos, a melodia vai se harmonizando, Itzik relaxa ao som da música e começa a apreciar o concerto – até que reclama, quando o clarinete silencia: por que parou?

De estranhamento, desconforto à harmonia, deleite: assim também foi possível perceber a participação dos jovens neste projeto de pesquisa, no trabalho de recepção aos filmes. As produções cinematográficas selecionadas, inicialmente desacreditadas pelos alunos, foram se tornando alvo de interesse e atenção a cada discussão e debate realizados.

4.2 A desconfiança frente ao outro – e, quem sabe, uma possibilidade de abertura

A abertura ao diferente, ao estranho, foi entendida como sendo possível apenas nos filmes e nos roteiros de ficção, uma vez que “na vida real” essa abertura se encontra muito menos frequente, e muitos atribuem à violência contemporânea e à desconfiança esse fechamento frente ao outro. A hospedagem oferecida pelos israelenses aos árabes da banda militar no filme *A Banda* foi motivo de muitas discussões, bem como a receptividade do americano aos imigrantes da Síria e da África em *O Visitante*. Quanto ao primeiro filme, os jovens comentam:

Menina2: *Ah, eu achei [...] a mulher ali, porque ela nem conhecia eles e deu abrigo pra eles, pra ficar de noite [...] não é qualquer pessoa que se conhece e que vai sair fazendo esse tipo de coisa!*

Pesquisadora: *Isso seria possível de acontecer aqui?*

Menina2: *Não!*

Menina8: *Eu acho que é porque ela morava numa cidade que não tinha nada, daí ela sentia falta de pessoas [...] daí talvez isso aqui pra nós não aconteceria, mas se a gente estivesse no lugar dela, ou num lugar assim [...]*

Pesquisadora: *Por que será que hoje em dia não seria tanto assim?*

Menino2: *Não sei [...] porque as pessoas desconfiam!*

Pesquisadora: *Se acontecesse com vocês, aqui nesta cidade, acontece, vem alguém de outro lugar, vocês levariam pra casa de vocês?*

Menino2: *É difícil, acho que não!*

Pesquisadora: *Qual a primeira coisa que a gente pensa?*

Menina3: *Desconfia!*

Menino1: *É! (todos concordam)*

Pesquisadora: *E acham que isso é uma coisa do nosso tempo, agora?*

Menino2: *É!*

Menino3: *Aham!*

Menino1: *Infelizmente!*

Pesquisadora: *E vocês também são assim?*

Menino2: *É [...] é, com pessoas desconhecidas!*

Os jovens vão pensando em conjunto sobre os filmes, discutindo as possibilidades, colocando-se no lugar dos personagens e “trazendo” os personagens para pensar o seu tempo. Em outro momento de discussão, agora sobre o filme *Bagdad Café*, os jovens comentam sobre a dificuldade de receber e conviver com os outros:

Menina8: *É mais fácil recusar do que aceitar [...] é a primeira reação, todo mundo quando tem [...] vê algum estranho, se protege [...].*

Pesquisadora: *Tu acha que isso tem a ver com o que?*

Menina8: *Não sei [...] acho que pra ter um relacionamento tu tem que ter mente aberta e se tu não tem a mente aberta, geralmente, só se protege das pessoas [...] e como ela estava num lugar sozinha, a Brenda (a americana dona do motel de beira de estrada), né, ela tava num deserto e não tinha contato com quase ninguém, só com os filhos dela e vivia brigando com eles; era mais fácil excluir a outra (Jasmin, a turista alemã) do que aceitar!*

Um dos grandes objetivos desta pesquisa foi alcançado: o de apresentar possibilidades de vida, de modos de existência, a partir de cenas de um cinema cuidadoso, atento e sensível, que se pauta pela marca de um encontro possível entre seres – a princípio – tão diferentes. Invenção de modos de existência, de diferenças, que se transformam em singularidades. Processo que permeia as relações cotidianas, criando algo novo entre seus componentes – não mais identificação e sim imprevisibilidade, inesperado, singularidade, multiplicidade.

Carlos Skliar mostra a complexidade e o cuidado que precisamos ter para falar sobre outro e alteridade sem resvalar para duas posturas bastante parecidas: o outro como algo

muito fora de mim, que em nada produz relação ou convocação; ou o outro como algo a ser integrado a mim, a ser incorporado (e então, talvez, domesticado e tornado o mesmo). O autor parece definir um determinado conceito de “outro” ao nos dizer, sem rodeios:

O outro já não parece ser somente um afóra permanente, ou uma promessa integradora, ou seu regresso a nossa hospedagem, ou seu estrangeirismo, ou seu andar errante e/ou vagabundo. Sua irrupção confunde o espaço da mesmidade (SKLIAR, 2002, p. 87, tradução nossa).

Mas parece, conforme o autor destaca, que o outro não aparece como alteridade e sim como sendo sempre o mesmo, e não o outro que se retira em seu mistério, em sua diferença: “Se o outro quebra em mil pedaços é unicamente para recompor-se na integridade da mesmidade. Para ser, finalmente, o eu que foi diferenciado, diversificado, pluralizado e, finalmente, igualizado” (SKLIAR, 2002, p. 109, tradução nossa).

Para Carlos Skliar, “O outro nos olha e nos pensa incessantemente” (SKLIAR, 2003, p. 25) e assim também nos invoca. O autor discorre sobre a necessidade de pensar sobre mudanças na educação em relação ao outro, à alteridade, e para tanto é preciso

[...] deixar-se vibrar pelo outro mais do que pretender multiculturalizá-lo, abandonar a homodidática para heterorrelacionar-se [...] Voltar a olhar bem, isto é, voltar o olhar mais para a literatura do que para os dicionários, mais para os rostos do que para as pronúncias, mais para o inominável do que para o nominado (SKLIAR, 2003, p. 20).

Eis uma tarefa árdua e complexa. Como conseguir constituir um olhar para a alteridade, um olhar que “olhe bem”, que se volte para os rostos, para o inominável, como ressaltou Skliar? Quem sabe, um olhar que possa aprender a perceber a alteridade, um olhar que seja “educado” para enxergar o outro, um olhar que possa aprender a perceber a nossa dependência em relação aos outros? Um olhar para a ética, que consiga dar conta das complexidades envolvidas, das ambivalências e incertezas? Quem sabe este olhar não possa ser sugerido pelas imagens do cinema?

Ao mesmo tempo, e para além do estranhamento, os estudantes puderam, com esta exposição a novas formas de olhar e de narrar (por meio dos filmes selecionados, da exibição conjunta, dos grupos de conversa), marcar momentos de criação a partir desta atividade. Como o excerto abaixo nos mostra, a possibilidade de encontrar relações entre cinema e literatura, e a valorizar o exercício do pensamento proposto por aquelas produções. Como percebermos através do relato dos alunos, a respeito do filme *A Banda*:

Menino1: *Tava me lembrando uma coisa [...] a gente ta tendo Literatura esse ano com o Realismo e aí, tipo [...] Realismo não tem ação, aventura, assim, não interessa, é psicológico. Então tem um livro que a gente tava [...] acabamos de ler, era o Memórias Póstumas de Brás Cubas [...]*

Menina1: *(interrompendo) Muito bom esse livro!*

Menino1: *É, e tem uma hora que tem uma mulher e um cara que [...] tipo, se encaram por um minuto [...] o nome do capítulo é “Diálogo entre Adão e Eva”, acho que é isso [...]*

Menino2 (interrompendo): *Eterno diálogo entre Adão e Eva” (O Velho Diálogo de Adão e Eva)*

Menino1: *É! Daí, tipo [...] não é nada! Só pontinhos, sabe? Não tem o que falar, eles só ficam se encarando! Daí [...] não tem necessidade de palavra de vez em quando [...] daí eu lembrei, quando ele falou que conheceu a esposa tocando, só olhou pra ela, “olhou pra mim e eu parei” [...] daí eu lembrei dessa cena!*

Ou seja, os alunos puderam tecer relações entre aquilo que estudavam em determinada disciplina e o filme a que assistiram; através da recepção em conjunto puderam pensar e estabelecer articulações entre literatura e cinema, entre recursos da escrita (os “pontinhos”, as reticências) e recursos da imagem (o silêncio no diálogo do filme).

Como propõem Fischman e Cruder (2003): “As imagens exigem o olhar de um outro. O outro precisa ser perturbado pela imagem a fim de apreender o sentido e o significado da imagem” (FISCHMAN e CRUDER, 2003, p. 46). Os participantes da pesquisa perceberam, também, que é muito mais interessante quando se pode conversar e pensar sobre os filmes em meio aos colegas, uma vez que a capacidade de ampliar o pensamento e seu exercício crítico é muito maior, possibilita a troca de ideias e de olhares, produz um “pensar em conjunto”. Conforme alguns estudantes destacam, ao final do diálogo com os colegas, sobre o filme *Bagdad Café*:

Menina3: *Eu achei o filme muito parado.*

Menina7: *E a história, estranho, ela não chega a ser interessante, assim!*

Pesquisadora: *É detalhista o filme, também [...]*

Menina11: *Acho que a gente discutindo aqui é mais interessante do que vendo o filme [...] (risos de todos) a gente acha alguma coisa aqui juntos, ali no filme a gente olha, olha [...]*

Ainda em relação à discussão do mesmo filme (*Bagdad Café*), percebo como o projeto alcançou os resultados que buscou desde seu planejamento, em março de 2010. Noto, a partir das falas dos alunos, um dos grandes objetivos do trabalho: a ampliação do repertório dos participantes. E, juntamente com esta, a proposta educativa de análise e recepção com imagens filmicas foi alcançada, acreditando na potencialidade do cinema de nos convocar – e

aos jovens, de maneira especial – a pensar, de provocar, de evocar nosso olhar, como acredita Peixoto (1992):

Poderiam a fotografia e o cinema – ruidoso universo do descartável – nos emudecer e voltar nossos olhos para o infinito? Poderiam suas imagens ganhar poder evocador, carregando-se de história? Para isso, porém, é preciso saber ouvir o seu peculiar silêncio, sentir o ritmo particular da vida nos seus rostos e paisagens (PEIXOTO, 1992, p. 318).

O trabalho de pesquisa mostrou que, sim, a potencialidade do cinema convoca estes jovens a pensar, e igualmente a estranhar suas ideias e convicções sobre a convivência humana. Volto a destacar, não se trata de qualquer cinema, mas aquele que, em sua produção, roteiro, enredo e direção, se mostra sensível e atento às complexidades do ser humano. Na fala dos alunos da escola pública, a oferta desses filmes deve ser explorada pelos alunos. Trabalhos de pesquisa como este auxiliam a experimentar novas possibilidades, a “escolher pela diferença”:

***Pesquisadora:** Minha ideia de oferecer para vocês filmes diferentes, que talvez em algum momento vocês talvez nunca experimentariam [...]*

***Menina1:** Difícil as pessoas proporem coisas diferentes, a gente tem que buscar! Ainda mais aqui (fala o nome de sua cidade), que é um mundinho meio fechadinho, assim [...] se a gente não for buscar coisas novas, é difícil sair daqui [...]*

***Menino1:** Até, digamos, não aceitou, não gostou do filme, ele assistiu mas não gostou [...] mas a experiência vai deixar alguma coisa pra ele! Tá, ele olhou e não gostou [...] Mas a participação dele, isso vai fazer alguma diferença! Talvez fora, inconscientemente, ele vai escolher outra coisa pela diferença!*

5 Considerações finais: formação ético-estética para jovens a partir das imagens do cinema

As relações entre educação e mídias há muito são discutidas, conforme exemplos de trabalhos investigativos mencionados neste artigo. Busquei, com este escrito, compartilhar uma prática de pesquisa que pensa o cinema como potencializador do pensamento, produtor de modos de subjetividade, como espaço que proporciona uma abertura para novos modos de olhar e pensar seus efeitos nos sujeitos contemporâneos – em especial atenção, nos jovens. Pensar a partir das imagens do cinema significa, para Ismail Xavier (2003) destituir a imagem de sua “evidência empírica” e colocá-la como uma produção complexa, histórica, que participa e é criada em certa condição social, política e ética. É a partir de tal relação que o cinema possibilita a abertura ao pensamento.

Os resultados da pesquisa mostraram que estudantes de cidades do interior do Rio Grande do Sul possuem o hábito de assistir a filmes em frequência e quantidade muito acima do esperado, conforme dados do início deste trabalho de investigação. Os jovens assistem a estes filmes, geralmente, em suas casas, sozinhos, por meio da televisão ou da locação de DVD. O espaço coletivo do cinema mostrou-se como a terceira opção entre os jovens – o que também aponta para a precariedade deste tipo de mídia naquela região, mas também corrobora com os resultados de outros estudos na área (FISCHER, 2007; DUARTE, 2009). Conforme a denominação de García-Canclini (2007), não se trata mais de falar sobre cinéfilos, e sim *videófilos*: falamos de jovens que assistem a filmes não apenas em casa, nos canais da televisão abertos ou por assinatura, mas também conectados a seus computadores, *Ipads* ou outros diferentes suportes.

Contudo, os resultados também apresentam que, quando os jovens têm acesso a perspectivas estéticas alternativas – como o caso dos filmes selecionados para este trabalho –, a maioria deles demonstra uma atenção à ampliação do repertório e, conseqüentemente, de suas escolhas. Apesar de uma resistência inicial e de apontamentos contrários às suas capacidades de compreensão a filmes com padrões diferentes daqueles a que estão acostumados a assistir (leia-se: filmes americanos de aventura e ação), os jovens mostraram-se interessados em conhecer, pensar e discutir acerca deste cinema “mais alternativo” e de suas temáticas. Em outras palavras, os estudantes puderam experimentar e entender as dimensões éticas apresentadas pelos filmes selecionados, explorando diferentes alternativas que propiciam uma ampliação na formação ético-estética e imaginária destes jovens, como afirmaram os alunos em um dos encontros finais, na conversa com a pesquisadora:

Pesquisadora: *Queria que estes filmes pudessem mexer com vocês, sair daquele lugar conhecido dos filmes, que termina sempre da mesma maneira [...] eu escolhi alguns [...]*

Menina1: *Diferentes!*

Pesquisadora: *Isso, bem diferentes, de temáticas, de personagens, mas que tem algo semelhante. Minha tentativa de mexer um pouco com vocês!*

Menina1: *Foi bem sucedida [...] Sim!*

Menino1: *Sim, principalmente pelo fato de trazer filmes de nacionalidades diferentes, tipo, “A Banda”, era (um filme) alemão [...]?*

Pesquisadora: *Franco israelense.*

Menino1: *Isso, tipo, tinha um alemão também (Bagdad Cafê) [...] Eu nunca iria olhar um filme alemão, ou israelense, eu nunca iria dar credibilidade pra um filme israelense! E agora eu já mudei minha visão sobre isso!*

As imagens do cinema (mais especificamente, dos filmes selecionados) possibilitaram, em primeiro lugar, uma abertura para novas possibilidades estéticas. Em seguida, um olhar



para as nuances da alteridade, um olhar que possibilita enxergar o outro (produzido por este “outro” cinema) em seus meandros e suas complexidades; enfim, um olhar (e, ainda mais, um pensar em conjunto) para as ambivalências, estranhamentos e incertezas dos relacionamentos humanos. Parafraseando o aluno de uma das escolas, nossa vida também não é feita de início, meio e fim bem organizado, ela é “meio caótica às vezes”; nossas relações são, igualmente, “parte de uma história” que constituem partes de outras tantas histórias.

Proponho, ao fim, que, ao educador e pesquisador em Educação, cabe perguntar-se sobre outros modos, outras possibilidades temos hoje de viver, experimentar, provocar e sermos provocados em nossa convivência – e em nossa formação – a partir das imagens do cinema.

YOUTH, CINEMA, AND EDUCATION: NOTES OF A RESEARCH WORK

Abstract: This article aims to present a research project on cinema and education. It was held with more than one hundred high school students in two cities in the countryside of Rio Grande do Sul. With this project we have intended to select, analyze and watch – along with young people – movies that offer openness to new ways of thinking on ethics and aesthetics. The research work involved quantitative and qualitative methodology, using questionnaires and reception group. One of the main contributions of this study is to expand the film repertoire of school-age youth, presenting different images for their enjoyment and discussion. The selected films and the groups work have allowed a look at the nuances of alterity, a gaze to see the human in its intricacies and complexities.

Keywords: Youth. Cinema. Education. Alterity.

Referências

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Lectores, espectadores e internautas**. Barcelona: Gedisa, 2007.

FISCHMAN, Gustavo; CRUDER, Gabriela. Fotografias Escolares como Evento na Pesquisa em Educação. **Educação & Realidade**, vol. 28, n.º 2, p. 39-53, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, vol. 22, n.º 2, p. 59-79, 1997.

_____. Problematizações sobre o exercício do ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação – ANPEd**, n.º 20, p. 83-94, 2002.

_____. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Cadernos de Pesquisa** (CEDES), vol.25, n.º 65, p.43-58, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Educação do Olhar e Formação Ético-Estética: Cinema e Juventude**. Projeto de Pesquisa, CNPq, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Globo, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. **Entre nós: ensaios sobre alteridade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Ver o invisível – a ética das imagens. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 301-320.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Por uma Pedagogia da Alteridade: juventude e cinema**. Projeto de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS/ CNPq, 2010a.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital**. 2010. 211 f + anexos. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010b.

SKLIAR, Carlos. Alteridades e pedagogias. O... ¿Y si el outro no estuviera ahí? **Educação & Sociedade**. Campinas, n.º 79, p. 85-123, 2002. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10851.pdf>> . Último acesso: 14/12/2011.

_____. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

XAVIER, Ismail. Cinema: revelação e engano. In: _____. **O Olhar e a Cena**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 31-57.

Anexo A – Lista de filmes selecionados para o projeto de pesquisa “Por uma pedagogia da alteridade: juventudes e cinema”

A BANDA

Título original: The Band's Visit

Direção: Eran Kolirin

Gênero: Comédia

Ano: 2007

País de origem: França e Israel

Duração: 87 minutos

SINOPSE: Uma banda da polícia egípcia, da cidade de Alexandria, é convidada a tocar no centro cultural árabe, em meio ao deserto israelense. Sem o endereço correto do destino, a banda se perde em uma pequena cidade e é obrigada a dormir uma noite naquele lugar desconhecido. Para tanto, conta com a ajuda de moradores locais e passam a conviver com os costumes e as pessoas de uma cultura diferente da sua.

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

Título original: Entre Les Murs (The Class)

Direção: Laurent Cantet

Gênero: Drama

Ano: 2008

País de origem: França

Duração: 128 minutos

SINOPSE: O filme acompanha um ano letivo na turma de sétima série de uma escola na periferia parisiense. Além de enfatizar as complexas e turbulentas relações dentro da sala de aula entre professores e alunos, também enfoca outros espaços da escola: a sala dos professores, o pátio, o gabinete do diretor. Acompanha igualmente as discussões entre colegas, a intervenção do professor conselheiro, participação dos alunos nos conselhos de classe e o movimento dos professores no conselho disciplinar.

BAGDAD CAFÉ

Título original: Bagdad Café / Out of Rosenheim

Direção: Percy Adlon

Gênero: Drama / Comédia

Ano: 1988

País de origem: Alemanha / Estados Unidos

Duração: 91 minutos

SINOPSE: Uma alemã resolve abandonar o marido em meio a uma viagem de turismo. Jasmin se encontra sozinha no deserto do oeste americano, buscando abrigo em um motel à beira da estrada, o Bagdad Café. Lá, conhece Brenda, a americana dona do estabelecimento, com quem inicia um conturbado relacionamento. Jasmin passa a fazer parte daquele cenário, juntamente aos filhos de Brenda e aos outros moradores do motel-e-café. Em suas diferenças, Jasmin e Brenda encontram também semelhanças e passam a apostar neste encontro.

O FABULOSO DESTINO DE AMÉLIE POULAIN

Título original: Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain

Direção: Jean-Pierre Jeunet

Gênero: Comédia

Ano: 2001

País de origem: França/Alemanha

Duração: 120 minutos

SINOPSE: Amélie é uma criança que se desenvolveu de maneira isolada e protegida pelos pais, que a tratavam como uma menina muito doente. Após sair de casa, ela passa a buscar, com dificuldade, os relacionamentos que lhe foram negados durante sua infância. Após um evento inicial, ela descobre que pode fazer o bem às pessoas, deixando-as felizes através de

pequenos gestos e decide, então, mudar a vida das pessoas ao seu redor. Até descobrir que ela precisa modificar a sua vida também.

O VISITANTE

Título original: The Visitor

Direção: Thomas McCarthy

Gênero: Drama

Ano: 2009

País de origem: Estados Unidos

Duração: 103 minutos

SINOPSE: Um professor universitário e solitário (Walter), morador de Connecticut, é surpreendido pela presença de estrangeiros (Zainab e Tarek) em seu apartamento de New York. Descobre que eles vivem lá há alguns meses e são imigrantes ilegais em seu país. Esse encontro imprevisível promove efeitos diversos na vida dos três envolvidos, além de outras pessoas que passam a participar desta história.

Anexo B – Modelo de cartaz para o grupo de recepção



ENCONTROS COM CINEMA

SEXTAS-FEIRAS, 13h30

